

## IX

## O PRISIONEIRO DE CRISTO

O navio de Adramiette da Mísia, em que viajavam o Apóstolo e os companheiros, no dia imediato tocou em Sidon, repetindo-se as cenas comovedoras da véspera. Julio permitiu que o ex-rabino fosse ter com os amigos, na praia, verificando-se as despedidas entre exortações de esperanças e muitas lágrimas. Paulo de Tarso ganhou ascendência moral sobre o comandante, marinheiros e guardas. Sua palavra vibrante conquistara as atenções gerais. Falava de Jesus, não como de uma personalidade inatingível, mas como de um mestre amoroso e amigo das criaturas, a seguir de perto a evolução e redenção da Humanidade terrena desde os seus primórdios. Todos desejavam ouvir-lhe os conceitos, relativamente ao Evangelho e quanto á sua projecção no futuro dos povos.

A embarcação, freguentemente deixava divisar paisagens gratíssimas ao olhar do Apóstolo. Depois de costear a Fenícia, surgiram os contornos da Ilha de Chipre, cariciosas recordações. Nas proximidades da Panfilia exultou de íntima alegria pelo dever cumprido, e assim chegou ao porto de Mira, na Lícia.

Foi aí que Julio resolveu tomar passagem numa embarcação alexandrina, que se dirigia para a Itália. Assim que a viagem continuou com perspectivas desfavoráveis. O navio levava excesso de carga. Além de grande quantidade de trigo, tinha a bordo, duzentas e setenta e seis pessoas. Aproximava-se o periodo di-

fícil para os trabalhos da navegação. Os ventos sopravam de rijo contrariando a róta. Depois de longos dias, ainda vogavam na região de Cnide. Vencendo dificuldades extremas, conseguiram tocar em alguns pontos de Creta.

Observando os obstáculos da jornada e obdecendo á propria intuição, o Apóstolo, confiado na amizade de Julio, chamou-o em particular e sugeriu o inverno em Kaloi — Limenes. O chefe da coórte tomou o alvitre em consideração e apresentou-o ao comandante e ao piloto, os quais o houveram por descabível.

— Que significa isso, centurião? — perguntou o capitão, enfático, com um sorriso algo ironico. — Dar crédito a esses prisioneiros? Pois estou a ver que se trata de algum plano de fuga, maquinado com sutileza e prudencia... Mas, seja como fôr, o alvitre é inaceitavel, não só pela confiança que devemos ter em nossos recursos profissionais, como porque precisamos atingir o porto de Fenix, para o repouso necessário.

O centurião desculpou-se como pôde, retirando-se um tanto vexado. Desejaria protestar esclarecendo que Paulo de Tarso não era um simples réu comum; que não falava por si só, mas também por Lucas, que também fôra marítimo dos mais competentes. Não lhe convinha, porém, comprometer sua brilhante situação militar e política, em antagonismo com as autoridades provincianas. Era melhor não insistir, sob pena de ser mal compreendido pelos homens de sua classe. Procurou o Apóstolo e fê-lo sabedor da resposta. Paulo, longe de maguar-se, murmurou calmamente:

— Não nos entristecemos por isso! Estou certo de que os óbices hão de ser muito maiores do que possamos suspeitar. Haveremos, porém, de lograr algum proveito, porque, nas horas angustiosas recordaremos o poder de Jesus, que nos avisou a tempo.

A viagem continuou entre receios e esperanças. O proprio centurião estava agora convencido da inopurtunidade da arribada em Kaloi-Limenes, porque, nos dois dias que se seguiram ao conselho do Apóstolo, as condições atmosféricas melhoraram bastante. Logo, po-

rém, que se fizeram ao mar alto, rumo a Fenix, um furacão imprevisto caiu de súbito. De nada valeram providencias improvisadas. A embarcação não podia enfrentar a tempestade e forçoso foi deixa-la á mercê do vento impetuoso, que a arrebatou para muito longe, envolta em denso nevoeiro. Começaram, então, padecimentos angustiosos para aquelas criaturas isoladas no abismo revolto das ondas encapeladas. A tormenta parecia eternizar-se. Havia quasi duas semanas que o vento rugia incessante, destruidor. Todo o carregamento de trigo foi alijado, tudo que representava excesso de pêso, sem utilidade immediata, foi tragado pelo monstro insaciavel e rugidor!

A figura de Paulo foi encarada com veneração. A tripulação do navio não podia esquecer o seu alvitre. O piloto e o comandante estavam confundidos e o prisioneiro tornara-se alvo de respeito e consideração unanimes. O centurião, principalmente, permanecia constantemente junto dele, crente de que o ex-rabino dispunha de poderes sobrenaturais e salvadores. O abatimento moral e o enjão espalharam o desanimo e o terror. O Apóstolo generoso, no entanto, acudia a todos, um por um, obrigando-os a se alimentarem e confortando-os moralmente. De quando a quando, soltava o verbo eloquente e, com a devida permissão de Julio, falava aos companheiros da hora amarga, procurando identificar as questões espirituais com o espetáculo convulsivo da natureza:

— Irmãos! — dizia em voz alta para a assembléa estranha, que o ouvia transida de angustia — eu creio que tocaremos breve a terra firme! Entretanto, assumamos o compromisso de jamais olvidar a lição terrivel desta hora. Procuraremos caminhar no mundo qual marinheiro vigilante, que, ignorando o momento da tempestade guarda a certeza da sua vinda. A passagem da existencia humana para a vida espiritual assemelha-se ao instante amarguroso que estamos vivendo neste barco, ha muitos dias. Não ignorais que fomos avisados de todos os perigos, no último porto que nos convidava a estagiar, livres de accidentes destruidores. Buscamos

o mar alto, de propria conta. Tambem Cristo Jesus nos concede os celestes avisos no seu Evangelho de Luz, mas, frequentemente optamos pelo abismo das experiencias dolorosas e trágicas. A ilusão, como o vento sul, parece desmentir as advertencias do Salvador, e nós continuamos pelo caminho da nossa imaginação viciada; entretanto, a tempestade chega de repente. E' preciso passar de uma vida para outra, a-fim-de retificarmos o rumo iniludivel. Começamos por alijar o carregamento pesado dos nossos enganos cruéis, abandonamos os caprichos criminosos para aceitar plenamente a vontade augusta de Deus. Reconhecemos nossa insignificancia e miséria, alcança-nos um tédio imenso dos erros que nos alimentavam o coração, tal como sentimos o nada que representamos neste arcabouço de madeiras frágeis, flutuante no abismo, tomados de singular enjão, que nos provoca nauseas extremas! O fim da existencia humana é sempre uma tormenta como esta, nas regiões desconhecidas do mundo interior, porque nunca estamos apercebidos para ouvir as advertencias divinas e procuramos a tempestade angustiosa e destruidora, pelo roteiro de nossa propria autoria.

A assembléa amedrontada ouvia-lhe os conceitos, empolgada de inominavel pavor. Observando que todos se abraçavam, confraternizando-se na angústia comum, continuava:

— Contemplemos o quadro dos nossos sofrimentos. Vêde como o perigo ensina a fraternidade immediata. Estamos aqui patricios romanos, negociantes de Alexandria, plutocratas da Fenicia, autoridades, soldados, prisioneiros, mulheres e crianças... Embora diferentes uns dos outros, perante Deus a dôr nos irmana os sentimentos para o mesmo fim de salvação e restabelecimento da paz. Creio que a vida em terra firme seria muito diferente, se as criaturas lá se comprehendessem tal como acontece aqui, agora, nas vastidões marinhas.

Alguns sopitavam o despeito, ouvindo a palavra apostolar, mas a grande maioria acercava-se, reconhecendo-lhe a inspiração superior e desejosa de confugirse á sombra da sua virtude heróica.

Decorridos quatorze dias de cerração e tormenta, o barco alexandrino atingiu a Ilha de Malta. Enorme geral alegria; mas, o comandante, ao ver afastado o perigo e sentindo-se humilhado com a atitude do Apóstolo durante a viagem, sugeriu a dois soldados o assassinio dos prisioneiros de Cesaréia, antes que pudessem evadir-se. Os prepostos do centurião assumiram a paternidade desse alvitre, mas Julio se opôs, terminantemente, deixando perceber a transformação espiritual que o felicitava agora, á luz do Evangelho redentor. Os presos que sabiam nadar atiraram-se á agua corajosamente; os demais agarravam-se aos botes improvisados, buscando a praia.

Os naturais da Ilha, bem como os poucos romanos que lá residiam a serviço da administração, acolheram os naufragos com simpatia; mas, por numerosos, não havia acomodação para todos. Frio intenso enregelava os mais resistentes. Paulo, todavia, dando mostras do seu valor e experiencia no afrontar intempéries, tratou de dar o exemplo aos mais abatidos, para que se fizesse fogo, sem demora. Grandes fogueiras foram acesas rapidamente para aquecimento dos quasi naufragos; mas, quando o apóstolo atirava um feixe de ramos secos á labareda crepitante, uma víbora cravou-lhe na mão os dentes venenosos. O ex-rabino susteve-a no ar com um gesto sereno, até que ela caísse nas chamas, com estupefação geral. Lucas e Timóteo aproximaram-se aflitos. O chefe da coórte e alguns amigos estavam desolados. E' que os naturais da Ilha, observando o fato, davam alarme, asseverando que o reptil era dos mais venenosos da região, e que as vítimas não sobreviviam mais que horas.

Os indigenas, impressionados, afastavam-se discretamente. Outros, assustadiços afirmavam:

— Este homem deve ser um grande criminoso, pois, salvando-se das ondas bravias veiu encontrar aqui o castigo dos deuses.

Não eram poucos os que aguardavam a morte do Apóstolo, contando os minutos; Paulo, no entanto, aquecendo-se como lhe era possível, observava a expressão

fisionômica de cada um e orava com fervor. Diante do prognostico dos nativos da Ilha, Timóteo aproximou-se mais intimamente e buscou científica-lo do que diziam a seu respeito.

O ex-rabino sorriu e murmurou:

— Não te impressiones. As opiniões do vulgo são muito inconcidentes, tenho disso experiencia propria. Estejamos atentos aos nossos deveres, porque a ignorancia sempre está pronta a transitar da maldição ao elogio, e vice-versa. E' bem possível que daqui a algumas horas me considerem um deus.

Com efeito, quando viram que ele não acusara nem mesmo a mais leve impressão de dôr, os indigenas passaram a observa-lo como entidade sobrenatural. Já que se mantivera indene ao veneno da víbora, não poderia ser um homem comum, antes algum enviado do Olimpo, a que todos deveriam obedecer.

A esse tempo, o mais alto funcionário de Malta, Públio Apiano, chegara ao local e ordenava as primeiras providencias para socorrer os naufragos. Sendo eles conduzidos a vastos galpões deshabitados, proximo de sua residencia, lá recebendo caldos quentes, remédio e roupas. O preposto imperial reservou os melhores cômodos da propria moradia para o comandante do navio e o centurião Julio, atento ao prestigio dos respectivos cargos, até que pudessem obter novas acomodações na Ilha. O chefe da coórte, no entanto, sentindo-se agora extremamente ligado ao Apóstolo dos gentios, solicitou ao generoso funcionário romano acolhesse o ex-rabino com a deferencia a que fazia jús, ao mesmo tempo que elogiava as suas virtudes heroicas.

Ciente da elevada condição espiritual do convertido de Damasco e ouvindo os fatos maravilhosos, que lhe atribuiam no capítulo das curas, lembrou comovidamente ao centurião:

Ainda bem! Lembrança preciosa a vossa mesmo porque tenho aqui meu pai enfêrmo e desejaria experimentar as virtudes desse santo varão do povo de Israel!...

Convidado por Julio, Paulo aquiesceu desassombra-

do e assim compareceu em casa de Públio. Levado à presença do ancião enfêrmo, impôs-lhe as mãos calosas e enrugadas, em prece comovedora e ardente. O velhinho que ardia e se consumia em febre letal, experimentou immediato alívio e rendeu graças aos deuses de sua crença. Tomado de surpresa, Públio Apiano viu-o levantar-se procurando a destra do benfeitor para um ósculo santo. O ex-rabino, no entanto, valeu-se da situação e, ali mesmo, exaltou o Divino Mestre, prégando as verdades eternas e esclarecendo que todos os bens provinham do seu coração misericordioso e justo e não de criaturas pobres e frageis, quanto ele.

O preposto do Império quis conhecer o Evangelho immediatamente. Arrancando os pergaminhos da Boa-Nova, das dobras da túnica em frangalhos, unico patrimonio que lhe ficara nas mãos, depois da tempestade, Paulo de Tarso passou a exhibir os pensamentos e ensinamentos de Jesus, quasi com orgulho. Públio ordenou que o documento fôsse copiado e prometeu interessar-se pela situação do apóstolo, utilizando suas relações em Roma, a-fim-de lhe conseguir a liberdade.

A noticia do feito espalhou-se em poucos horas. Não se falava de outra cousa, senão do homem providencial que os deuses haviam mandado à Ilha, para que os doentes fôsem curados e o povo recebesse novas revelações.

Com a complacencia de Julio, o ex-rabino e os companheiros obtiveram um velho salão do administrador, onde os serviços evangélicos funcionaram regularmente, durante os meses do inverno rigoroso. Multidão de enfêrmos foram curados. Velhos misérrimos, na claridade dos tesouros de Cristo alcançaram novas esperanças. Quando voltou a época da navegação, Paulo já havia criado em toda Ilha uma vasta familia cristã, cheia de paz e nobres realizações para o futuro.

Atento aos imperativos da sua comissão, Julio resolveu partir com os prisioneiros no navio "Castor e Polux", que ali invernara e se destinava à Italia.

No dia do embarque, o Apóstolo teve a consolação de aferir o interesse afetuoso dos novos amigos do Evan-

gelho, recebendo, sensibilizado, manifestações de fraternal carinho. A bandeira augusta de Cristo tambem ali ficara desfraldada, para sempre.

O navio demandou a costa italiana debaixo de ventos favoraveis.

Chegados à Siracusa, na Sicilia, amparado pelo generoso centurião, agora devotado amigo, Paulo de Tarso aproveitou os três dias de permanencia na cidade, em prêgações do Reino de Deus, atraindo numerosas criaturas ao Evangelho.

Em seguida, a embarcação penetrou o estreito, tocou em Reggio, aproando daí a Pouzzoles, não longe do Vesúvio.

Antes do desembarque, o centurião aproximou-se do Apóstolo, respeitosamente, e falou:

— Meu amigo, até agora estiveste sob o amparo da minha amizade pessoal, direta; daqui por diante, porém, temos de viajar sob os olhares indagadores de quantos habitam nas proximidades da metrópole e ha que considerar vossa condição de prisioneiro...

Notando-lhe o natural constrangimento, mescla de humildade e respeito, Paulo exclamou:

— Ora esta, Julio, não te incomodes! Sei que tens necessidade de algemar-me os pulsos para a exata execução de teus deveres. Apressa-te a fazê-lo, pois não me seria lícito comprometer uma afeição tão pura, qual a nossa.

O chefe da coôrte tinha os olhos molhados, mas retirando as algemas da pequena bolsa, acentuou:

— Disputo a alegria de ficar convosco. Quisera ser, como vós, um prisioneiro do Cristo!...

Paulo estendeu a mão, extremamente comovido, permanecendo ligado ao centurião, sob o olhar carinhoso dos três companheiros.

Julio determinou que os prisioneiros comuns fôsem instalados em prisões gradeadas e que Paulo, Timóteo, Aristarco e Lucas ficassem em sua companhia, numa pensão modesta. Em face da humildade do Apóstolo e de seus colaboradores, o chefe da coôrte parecia mais generoso e fraternal. Desejoso de agradar ao velho

discípulo de Jesus, mandou sindicar, imediatamente, se em Pouzzoles havia cristãos e, em caso afirmativo, que fôsem á sua presença, para conhecerem os trabalhadores da sementeira santa. O soldado incumbido da missão, daí a poucas horas, trazia consigo um generoso velhinho, de nome Sexto Flacus, cuja fisionomia transbordava de mais viva alegria. Logo á entrada, aproximou-se do velho Apóstolo e esculou-lhe as mãos, regou-as de lágrimas, em transportes de espontaneo carinho. Estabeleceu-se, imediatamente, consoladora palestra de que Paulo de Tarso participava comovido. Flacus informou que a cidade tinha ha muito a sua igreja; que o Evangelho ganhava terreno nos corações; que as cartas do ex-rabino eram tema de meditação e estudo em todos os lares cristãos, que reconheciam em suas atividades a missão de um mensageiro do Messias salvador. Tomando a velha bolsa arrancou, ali mesmo, a cópia da epístola aos romanos, guardada pelos confrades de Pouzzoles com especial carinho.

Paulo tudo ouvia gratamente impressionado, parecendo-lhe que chegava a um mundo novo.

Julio, por sua vez, não cabia em si de contente. E, dando largas ao seu entusiasmo natural, Sexto Flacus expediu recados aos companheiros. Aos poucos, a modesta estalagem enchia-se de caras novas. Eram paideiros, negociantes e artífices que vinham, ansiosos, apertar a mão do amigo da gentilidade. Todos queriam beber os conceitos do Apóstolo, vê-lo de perto, beijar-lhe as mãos. Paulo e companheiros foram convidados a falar na igreja aquela mesma noite e, cientes de que o centurião pretendia partir para Roma no dia immediato, os sinceros discípulos do Evangelho, em Pouzzoles, rogaram a Julio permitisse a demora de Paulo entre eles, ao menos por sete dias, ao que o chefe da coórte atendeu de bom grado.

A comunidade viveu horas de júbilo imenso. Sexto Flacus e os companheiros expediram dois emissarios á Roma, para que os amigos da cidade imperial tivessem conhecimento da vinda do Apóstolo dos gentios. E can-

tando louvores no coração, os crentes passaram dias de ilimitada ventura.

Decorrida a semana de trabalhos frutuosos, felizes, o centurião fez ver a necessidade de partir.

A distancia a vencer excedia de duzentos quilômetros, com sete dias de marcha consecutiva e fatigante.

O pequeno grupo partiu acompanhado de mais de cincoenta cristãos de Pouzzoles, que seguiram o ex-rabino até Forum d'Appius, em cavalos resistentes, montando carinhosa guarda aos carros dos guardas e prisioneiros. Nessa localidade, distante de Roma quarenta e poucas milhas, aguardava o apóstolo dos gentios a primeira representação dos discípulos do Evangelho na cidade imperial. Eram anciãos comovidos, cercados por alguns companheiros generosos, que por pouco carregavam o ex-rabino nos braços. Julio não sabia como disfarçar a surpresa que lhe ia nalma. Jamais viajara com um prisioneiro de tamanho prestigio. De From d'Appius a caravana demandou o sítio denominado "As Três Tavernas", acrescida agora do grande veículo que levava os anciãos romanos, e sempre rodeada de cavaleiros fortes e bem dispostos. Nessa região, singularmente nomeada, em vista do grande confôrto de suas hospedarias, outros carros e novos amigos esperavam Paulo de Tarso com sublimes demonstrações de alegria. O apóstolo, agora, contemplava as regiões do Lácio empolgado por emoções suaves e doces. Tinha a impressão de haver aportado a um mundo diferente da sua Asia cheia de combates acerbos.

Com permissão de Julio, a figura mais representativa dos anciãos romanos tomara assento junto de Paulo, naquele jubiloso fim de viagem. O velho Apollodorus, depois de certificar-se da simpatia do chefe da coórte pela doutrina de Jesus, tornou-se mais vivo e minucioso no seu noticiario verbal, atendendo ás perguntas afetuosas do Apóstolo dos gentios.

— Vindes á Roma em boa época — acentuava o velhinho em tom resignado — temos a impressão de que nossos sofrimentos por Jesus vão ser multiplicados. Estamos em 61, mas ha três anos que os discipu-

los do Evangelho começaram a morrer nas arenas do circo pelo nome augusto do Salvador.

— Sim — disse Paulo de Tarso sollicitamente. — Eu ainda não havia sido preso em Jerusalém, quando ouvi referencias ás perseguições indirectas, movidas aos adeptos do Cristianismo pelas autoridades romanas.

— Não são poucos — acrescentou o ancião — os que têm dado seu sangue nos espetáculos homicidas. Nossos companheiros têm caído ás centenas, aos apupos do povo inconciente, esmagados pelas fêras ou nos postes do martírio...

O centurião, muito pálido, interrogou:

— Mas como pode ser isso? Ha medidas legais que justifiquem esses feitos criminosos?

— E quem poderá falar em justiça no govêrno de Nero? — replicou Apollodorus com um sorriso de santa resignação. — Ainda agora, perdi um filho amado nessas horrorosas carnificinas.

— Mas, como? — tornou o chefe da coôrte admirado.

— Muito simplesmente — esclareceu o velhinho — os cristãos são conduzidos aos circos do martírio e da morte, como escravos faltosos e misérrimos. Como ainda não existe um fundamento legal que justifique semelhantes condenações, as vítimas são designadas como cativos que mereceram os supplicios extremos.

— Mas não existe um político, ao menos, que possa desmascarar o torpe sofisma?

— Quasi todos os estadistas honestos e justos estão exilados, para não falar dos muitos induzidos ao suicídio pelos prepostos directos do Imperador. Acreditamos que a perseguição declarada aos discípulos do Evangelho não tardará muito. A medida tem sido retardada, somente pela intervenção de algumas senhoras convertidas a Jesus, que tudo têm feito pela defesa de nossos ideais. Não fôra isso, talvez a situação se revelasse mais dolorosa.

— Precisamos negar a nós mesmos e tomar a cruz — exclamou Paulo de Tarso, compreendendo o rigor dos tempos.

— Tudo isso é muito estranho para nós outros — ponderou Julio acertadamente — pois não vemos razão para tamanha tirania. E' um contra-senso a perseguição aos adeptos do Cristo, que trabalham pela formação de um mundo melhor, quando por aí medram tantas comunidades de malfeteiros, a reclamarem repressão legal. Com que pretexto se promove esse movimento de sorráte?

Apollodorus pareceu concentrar-se e replicou:

— Acusam-nos de inimigos do Estado, a solapar-lhe as bases politicas com idéias subversivas e destruidoras. A concepção de bondade, no cristianismo, dá azo a que muitos interpretem mal os ensinamentos de Jesus. Os romanos abastados, ou illustres, não toleraram a idéia de fraternidade humana. Para eles o inimigo é inimigo, o escravo é escravo, o miseravel é miseravel. Não lhes ocorre abandonar, por um momento sequer, o festim dos prazeres fáceis e criminosos, para cogitar da elevação do nivel social. Rarissimos os que se preocupam com os problemas da plebe. Um patricio caridoso é apontado com ironias. Num tal ambiente, os desfavorecidos da sorte encontraram no Cristo Jesus um Salvador bem amado, e os avarentos um adversário a eliminar, para que o povo não alimente esperanças. Examinada essa circumstancia, podemos imaginar o progresso da doutrina cristã, entre os aflitos e os pobres, compreendendo-se que Roma sempre foi um enorme carro de triunfo mundano, que segue com os verdugos autoritários e tiranicos na boléia, cercado de multidões famintas, que vão apanhando as migalhas de sobejo. As primeiras prêgações cristãs passaram despercebidas; mas, quando a massa popular demonstrou entender o elevado alcance da nova doutrina, começaram as lutas acerbadas. De culto livre em suas manifestações, o Cristianismo passou a ser rigorosamente fiscalizado. Dizia-se que nossas células eram originárias de feitiçarias e sortilégios. Em seguida, como se verificaram pequenas rebeliões de escravos, nos palácios nobres da cidade, nossas reuniões de preces e beneficios espirituais foram proibidas. As agremiações foram dissolvidas á força.

Em vista, porém, das garantias de que gozam as cooperativas funerárias, passamos a nos reunir alta noite no amago das catacumbas. Ainda assim, descobertos pelos sequazes do Imperador, nossos nucleos de oração têm experimentado pesadas torturas.

— E' horrível tudo isso! — exclamou o centurião compungido — e o que admira é haver funcionarios dispostos a executar determinações tão injustas!...

Apolodorus sorriu e acentuou:

— A tirania contemporanea tudo justifica. Não levais, vós mesmo, um apóstolo prisioneiro? Entretanto, reconheço que sois dele um grande amigo.

A comparação do velho e arguto observador fez empalidecer ligeiramente o centurião.

— Sim, sim — murmurava ele tentando explicar-se.

Paulo de Tarso, todavia, reconhecendo a posição e o embaraço do amigo, acudiu esclarecendo:

— Mas a verdade é que não fui encarcerado por malvezes ou inópia dos romanos, desconhecedores de Jesus Cristo, mas por meus proprios irmãos de raça. Aliás, tanto em Jerusalém como em Cesaréia, encontrei a mais sincera boa vontade dos prepostos do Império. Em tudo isso, amigos, preponderam as injunções do serviço do Mestre. Para o exito indispensavel dos seus esforços remissores, os discípulos não poderão caminhar no mundo sem as marcas da cruz.

Os interlocutores entreolharam-se satisfeitos. A explicação do apóstolo vinha elucidar completamente o problema.

O grupo numeroso alcançou Alba Longa, onde novo contingente de cavaleiros esperava o valoroso missionário. Daí até Roma, a caravana moveu-se mais vagarosa, experimentando sublimadas sensações de alegria. Paulo de Tarso, muito sensibilizado, admirava a beleza singular das paisagens desdobradas ao longo da Via Appia. Mais alguns minutos e os viajores atingiam a Porta Capena, onde centenas de mulheres e crianças aguardavam o apóstolo. Era um quadro comovente!

O cortejo parou, a-fim-de que os amigos o abraçassem. Eminentemente emocionado, o centurião acom-

panhou a cena inesquecível, contemplando anciãs de cabelos nevados osculando as mãos de Paulo, com infinito carinho.

O Apóstolo enlevado naquelas explosões de afeto, não sabia se contemplava os panoramas prodigiosos da cidade das sete colinas, ou se paralisava o curso das emoções para prosternar-se em Espírito, num preito justo de reconhecimento a Jesus.

Obedecendo a ponderações amigas de Apolodorus, o grupo dispersou-se.

Roma inteira banhava-se suavemente no crepúsculo de opalas. Brisas cariciosas sopravam, de longe, balsamizando a tarde quente. Considerando que Paulo precisava de repouso o centurião resolveu passar a noite numa hospedaria e apresentar-se com os prisioneiros no dia immediato, ao Quartel dos Pretorianos, depois de refeltos da longa e exhaustiva viagem.

Sómente na manhã seguinte, compareceu perante as autoridades competentes, apresentando os acusados. Feliz expediente aquele, porque o ex-rabino sentia-se perfeitamente reconfortado. Na véspera, Lucas, Timóteo e Aristarco separaram-se dele, a-fim-de se instalarem na companhia dos irmãos de ideal, até poderem fixar a sua posição.

O centurião de Cesaréia encontrou no Quartel da Via Nomentana, altos funcionarios que podiam perfeitamente atendê-lo, com referencia ao assunto que o trazia á capital do Império; mas, fez questão de esperar o General Burrus, amigo pessoal do Imperador e conhecido por suas tradições de honestidade, no intuito de esclarecer o caso do Apóstolo.

O General o atendeu com presteza e solicitude e ficou suficientemente informado da causa do ex-rabino, tanto quanto dos seus antecedentes pessoais e das lutas e sacrificios que vinha amargurando. Prometeu estudar o caso com o maior interesse, depois de guardar, solícito, os pergaminhos remetidos pela Justiça de Cesaréia. Na presença do Apóstolo, afirmou ao centurião que, caso os documentos provassem a cidadania romana do acusado, ele poderia gozar das vantagens da "custo-

dia libera", passando a viver fóra do cárcere, apenas acompanhado por um guarda, até que a magnanimidade de Cesar decidisse o seu recurso.

Paulo foi recolhido á prisão com os demais companheiros, como medida preliminar ao exame da documentação trazida. Julio despediu-se comovido, os guardas abraçaram o ex-rabino, contristados e respeitosos. Os altos funcionários do Quartel acompanharam a cena com indistincta surpresa. Prisioneiro algum havia ali entrado, até então, com tamanhas manifestações de carinho e apreço.

Depois de uma semana, em que lhe fóra permitido o contacto permanente com Lucas, Aristarco e Timóteo, o apóstolo recebia ordem para fixar residencia nas proximidades da prisão — privilégio conferido pelos seus títulos, embora obrigado a permanecer algemado a um guarda policial, até que o seu recurso fósse definitivamente julgado.

Auxiliado pelos confrades da cidade, Lucas alugou um aposento humilde na Via Nomentana, para lá se transferindo o valoroso prégador do Evangelho, cheio de coragem e confiança em Deus.

Longe de esmorecer diante dos obstáculos, continuou redigindo epístolas consoladoras e sábias ás comunidades distantes. No segundo dia de sua nova instalação, recomendou aos três companheiros procurassem trabalho, para não serem pesados aos irmãos, explicando que ele, Paulo, viveria do pão dos encarcerados, como era justo, até que Cesar pudesse atender ao seu apêlo.

Assim o fez, de fato, e diariamente lá se ia ás grades do calabouço, onde tomava a sua ração alimentar. Aproveitava, então, essas horas de convivência, com os celerados ou com as vítimas da maldade humana para prégar as verdades confortadoras do Reino, ainda que algemado. Todos o ouviam em deslumbramento espiritual, jubilosos com a noticia de que não se encontravam desamparados pelo Salvador. Eram criminosos do Esquilino, bandidos das regiões provincianas, malfeitores da Suburra, servos ladrões entregues á justiça

pelos senhores para a necessária regeneração, e pobres perseguidos pelo despotismo da época, que sofriam a terrível influencia dos vícios da administração.

A palavra de Paulo de Tarso atuava como bálsamo de santas consolações. Os prisioneiros ganhavam novas esperanças e muitos converteram-se ao Evangelho, como Onésimo, o escravo regenerado, que passou á história do cristianismo na carinhosa epístola a Filemon.

No terceiro dia da nova situação, Paulo de Tarso chamou os amigos para resolver determinados empreendimentos que julgava indispensáveis. Encareceu a diligencia de um entendimento com os israelitas. Precisava transmitir-lhes as claridades da Boa Nova. No entanto, era impossivel, no momento, uma visita á sinagoga. Sem paralisar, contudo, os impulsos dinamicos da sua mentalidade vigorosa, pediu a Lucas convocasse os maiores do judaismo na capital do Império, a-fim-de lhes apresentar uma exposição de princípios, que supunha conveniente.

Na mesma tarde, grande número de anciãos de Israel compareciam no seu aposento.

Paulo de Tarso expõe as noticias generosas do Reino de Deus, esclarece a sua posição, refere-se ás preciosidades do Evangelho. Os ouvintes mostram-se algo interessados, mas, ciosos de suas tradições, acabam tomando attitude reservada e duvidosa.

Quando terminou a oração entusiastica, o rabí Menandro exclamou em nome dos demais:

— Vossa palavra merece nossa melhor consideração; entretanto, amigo, ainda não recebemos nenhuma noticia da Judéia a vosso respeito. Temos, todavia, algum conhecimento desse Jesus a quem vos referis com ternura e veneração. Fala-se dele, em Roma, como de um revolucionário criminoso, que mereceu o suplicio reservado aos ladrões e malfeitores, em Jerusalém. Sua doutrina é havida por contrária á essencia da Lei de Moisés. Sem embargo, desejamos sinceramente vos ouvir sobre o novo profeta, com a calma necessária. Por outro lado é justo que não sejamos nós, apenas, os ouvintes dessas noticias singulares. Convem que vossos con-

ceitos sejam dirigidos á maioria dos nossos irmãos, a-fim-de que os julgamentos isolados não prejudiquem os interesses do conjunto.

Paulo de Tarso percebeu a sutileza da observação e pediu que marcassem o dia da prgação a uma assembléa maior, alvitre esse que foi recebido pelos velhos judeus com justo interesse.

No dia aprazado, vasta aglomeração de israelitas comprimia-se e desbordava do quarto humilde onde o ex-rabino montara a nova tenda de trabalhos evangélicos. Ele prégou a lição da Boa-Nova e explicou, pacientemente, a missão gloriosa de Jesus, desde a manhã até a tarde. Alguns raros irmãos de raça pareciam compreender os novos ensinamentos, enquanto que a maioria se entregava a interpelações ruidosas e a polémicas estéreis. O Apóstolo recordou o tempo de suas viagens, vendo ali a repetição exata das cenas irritantes das sinagogas asiáticas, onde os judeus se empenhavam em combates acérrimos.

A noite avizinhava-se e as discussões prosseguiram acaloradas. O sol despedia-se da paisagem, dourando o cume das colinas distantes. Observando que o ex-rabino fizera uma pausa para ganhar algum fôlego, Lucas aproximou-se e confidenciou:

— Dói-me constatar quanto esforço despendeis para vencer o espírito do judaísmo!...

Paulo de Tarso meditou alguns momentos e respondeu:

— Sim, verificar a rebeldia voluntária dá enfado ao coração; contudo, a experiencia do mundo tem-me ensinado a discernir, de algum modo, a posição dos Espíritos. Ha duas classes de homens para as quais se torna mais difficil o contacto renovador de Jesus. A primeira é a que vi em Atenas e se constitúe dos homens envenenados pela falaciosa ciencia da Terra; homens que se cristalizam numa superioridade imaginária e muito presumem de si mesmos. São estes, a meu ver, os mais infelizes. A segunda é a que conhecemos nos judeus recalitrantes, que, possuindo um patrimonio precioso do passado, não compreendem a fé sem lutas

religiosas, petrificam-se no orgulho de raça e perseveram numa falsa interpretação de Deus. De tal arte, entendemos melhor a palavra do Cristo, que classificou os simples e pacíficos da Terra como criaturas bem-aventuradas. Poucos gentios cultos e raros judeus crentes na Lei antiga estão preparados para a escola bendita da perfeição com o Divino Mestre.

Lucas passou a considerar o justo conceito do Apóstolo; mas, a esse tempo, as palestras ruidosas e irritantes dos israelitas pareciam o fermento rápido de pugilatos inevitáveis. O ex-rabino, porém, desejoso de paz, subiu novamente á tribuna e exclamou:

— Irmãos, evitemos as contendas estéreis e ouçamos a voz da propria consciencia! Continuai examinando a Lei e os Profetas, nos quais encontrareis sempre a promessa do Messias, que já veiu... Desde Moisés, todos os mentores de Israel referiram-se ao Mestre, com caracteres de fogo... Não somos culpados da vossa surdez espiritual. Invocando as discussões ferinas de ha pouco, recordo a lição de Isaias quando declara que muitos hão de ver sem enxergar e ouvir sem entender. São os Espíritos endurecidos que, agravando as proprias enfermidades, culminam em lutas desesperadoras para que Jesus possa, mais tarde, converte-los e cura-los com o bálsamo do seu infinito amor. No entanto, podéis estar convictos de que esta mensagem será auspiciosamente recebida pelos gentios simples e infelizes, que são, na verdade, os bem-aventurados de Deus.

A declaração franca e veemente do Apóstolo caiu na assembléa como um raio, impondo absoluto silencio. Mas, destoando dos sentimentos da maioria, um velhinho judeu aproximou-se do convertido de Damasco e disse:

— Reconheço o exato sentido da vossa palavra, mas desejaria pedir-vos que este Evangelho continuasse a ser ministrado á nossa gente. Ha seguidores de Moisés bem intencionados, que podem aproveitar o ensino de Jesus, enriquecendo-se com os seus valores eternos.

O apêlo carinhoso e sincero era proferido em tom

comovedor. Paulo abraçou o simpatizante da nova doutrina, fundamente sensibilizado e acrescentou:

— Este aposento humilde é também vosso. Vinde conhecer o pensamento de Cristo, sempre que vos prou-ver. Podereis copiar todas as anotações que possuo.

— E não ensinai na sinagoga?

— Por enquanto, prêso como estou, não poderei fazê-lo mas hei de escrever uma carta aos nossos irmãos de boa vontade.

Dentro de poucos minutos, a compacta reunião se dissolvia com as primeiras sombras da noite.

Daf por diante, aproveitando as últimas horas de cada dia, os companheiros de Paulo viram que ele escrevia um documento a que dedicava profunda atenção. A's vezes, era visto a escrever com lágrimas, como se desejasse fazer da mensagem um depósito de santas inspirações. Em dois meses entregava o trabalho a Aristarco para copia-lo, dizendo:

— Esta é a epístola aos hebreus. Fiz questão de grafá-la, valendo-me dos próprios recursos, pois que a dedico aos meus irmãos de raça e procurei escrevê-la com o coração.

O amigo compreendeu o seu intuito e, antes de começar as cópias, destacou o estilo singular e as idéias grandiosas e incomuns.

E Paulo continuou trabalhando incessantemente a benefício de todos. A situação, como prisioneiro, era a mais confortadora possível. Fizera-se benfeitor desvelado de todos os guardas que lhe testemunhavam o esforço apostólico. A uns aliviara o coração com as alegrias da Boa Nova; a outros curara moléstias crônicas e dolorosas. Frequentemente, o benefício não se restringia ao interessado, porque os legionários romanos lhe traziam os parentes, os afeiçoados e os amigos, para se beneficiarem ao contacto daquele homem dedicado aos interesses de Deus. Logo ao terceiro dia deixou de ser algemado, porque os soldados dispensavam a formalidade, apenas guardando-lhe a porta como simples amigos. Não poucas vezes, esses militares benévolos o convidavam a passear pela cidade, especialmente ao

longo da Via Appia, que se havia tornado o local da sua predileção.

Sensibilizado, o Apóstolo agradecia essas provas de condescendencia.

Os benefícios do seu convívio tornavam-se dia-a-dia mais evidentes. Impressionados com a sua palestra educativa e com as suas maneiras atenciosas, muitos legionários, antes relapsos e negligentes, transformavam-se em elementos úteis á administração e á sociedade. Os guardas começaram a disputar o serviço de sentinela ao seu aposento, e isso lhe valia pelo melhor atestado de valor espiritual.

Visitado, incessantemente, por irmãos e emissários das suas igrejas queridas, da Macedônia e da Ásia, prosseguia desdobrando energias na tarefa de amorosa assistência aos amigos e colaboradores distantes, mediante cartas inspiradíssimas.

Havia quasi dois anos que o seu recurso a Cesar jazia esquecido nas mesas dos juizes displicentes, quando sobreveiu um acontecimento de magna importância. Certo dia, um legionário amigo levou ao convertido de Damasco um homem de feições másculas e enérgicas, aparentando quarenta anos mais ou menos. Tratava-se de Acacio Domitius, personalidade de grande influencia política, e que de algum tempo tinha cegado em misteriosas circunstancias.

Paulo de Tarso o acolheu com bondade e, depois de impor-lhe as mãos, esclarecendo-o sobre o que Jesus desejava de quantos lhe aproveitavam a munificencia, exclamou comovidamente:

— Irmão, agora, convido-te a ver, em nome do Senhor Jesus Cristo!

— Vejo! Vejo! — gritou o romano tomado de júbilo infinito; e logo num movimento instintivo, ajoelhou-se em pranto e murmurou:

— Vosso Deus é verdadeiro!...

Profundamente reconhecido a Jesus, o Apóstolo deu-lhe o braço para que se levantasse e, ali mesmo, Domitius procurou conhecer o conteúdo espiritual da nova doutrina, a-fim-de reformar-se e mudar de vida. Solícito,

anotou logo as informações relativas ao processo do ex-rabino, acentuando ao despedir-se:

— Deus me ajudará para que possa retribuir o bem que me fizestes! Quanto á vossa situação, não duvidéis do desfêcho merecido, porque, na proxima semana teremos resolvido o processo com a absolvição de Cesar!

De fato, decorridos quatro dias, o velho servidor do Evangelho foi chamado a depôr. De conformidade com as ordens legais, compareceu sozinho perante os juizes, respondendo com admiravel presença de espirito ás menores arguições que lhe foram desfechadas. Os magistrados patricios verificaram a inconsistencia do libelo, a infantillidade dos argumentos apresentados pelo Sinhédrio e, não só atendendo á situação politica de Acácio, que empenhara no feito os bons officios de que podia dispôr, como pela profunda simpatia que a figura do apóstolo despertava, instruíram o processo com os mais nobres pareceres, restituindo-o, por intermédio de Domitius, para o veredito do Imperador.

O generoso amigo de Paulo regosijou-se com a vitória inicial, convencido da proxima liberdade do seu bemfêtor. Sem perda de tempo, mobilizou as melhores amizades, entre as quais contava Popeia Sabina, conseguindo, afinal, a absolvição imperial.

Paulo de Tarso recebeu a noticia com votos de reconhecimento a Jesus. Mais que ele proprio, rejubilavam-se os amigos, que celebraram o acontecimento com expansões memoraveis.

O convertido de Damasco, entretanto, não viu nisso tão só um motivo para regosijo pessoal, mas a obrigação de intensificar a difusão do Evangelho de Jesus.

Durante um mês, no principio do ano 63, visitou as comunidades cristãs de todos os bairros da capital do império. Sua presença era disputada por todos os círculos, que o recebiam entre carinhosas manifestações de respeito e de amor pela sua autoridade moral. Organizando planos de serviço para todas as igrejas domésticas que funcionavam na cidade, e depois de inú-

meras prédicas gerais nas catacumbas silenciosas, o incansavel trabalhador resolveu partir para a Espanha. Debalde intervêm os colaboradores, rogando-lhe que desistisse. Nada o demove. De ha muito, alimentava o desejo de visitar o Extremo do Ocidente e, se fôsse possível, desejaria morrer convicto de haver levado o Evangelho aos confins do mundo.